

# **SMARTPHONE: ELEMENTO ARTICULADOR ENTRE CIBERCULTURA E LETRAMENTO LITERÁRIO**

## *Smartphone: Articulator Element Between Cyberculture and Literacy Literary*

Oriosvaldo de Couto Ramos<sup>1</sup>, Marinuema de Oliveira Costa Cavalcanti  
1.orycoutho@yahoo.com.br

### **Resumo**

A Era Digital tem entre suas características a velocidade e a obsolescência. Nesse cenário, a leitura adquire uma nova dinâmica, isto é, o impresso dá lugar à tela, fazendo com que o leitor assuma uma nova postura que se reflete na leitura literária escolar. Nesse sentido, é papel da escola ressignificar suas práticas didáticas, vislumbrando a promoção do letramento literário enquanto prática social que, aliada aos suportes virtuais, constitua um espaço de convergência para as múltiplas linguagens presentes nos ambientes digitais e que se adeque ao perfil do “nativo digital”. É nesse contexto que se insere esta interlocução, cujo objetivo principal é discutir o uso dos *smartphones* na educação básica como articulador entre o letramento literário e a cultura midiática. A metodologia configura-se como uma revisão bibliográfica, fundamentando-se nos conceitos de letramento de Soares (2002) e Kleiman (2005); letramento digital, Xavier (2010); cibercultura, Pierre Lévy (1999); letramento literário, Cosson (2012); educação e tecnologias, Moran (2012), entre outros. Espera-se que esta reflexão contribua para uma reconfiguração do paradigma tradicional do ensino da literatura pelos docentes. Palavras-chave: Era digital. Letramento literário. *Smartphones*.

### **Abstract**

*The Digital Age has among its characteristics speed and obsolescence. In this scenario, the reading takes on a new dynamic, that is, the printed form gives space to the screen, causing the reader to take a new approach that is reflected in the school literary reading. In this sense, it is the role of school to reframe its teaching practices, glimpsing the promotion of literary literacy as a social practice that, combined with virtual media, constitutes a space of convergence for multiple present languages in digital environments and that fits the profile "digital native". In this context this dialogue, whose main objective is to discuss the use of smartphones in basic education as articulator between the literary literacy and media culture. The methodology is configured as literature review and theoretical contributions are based on literacy concepts by Soares (2002) and Kleiman (2005); digital literacy, Xavier (2010); cyberculture, Pierre Lévy (1999); literary literacy, Cosson (2014); education and technology, Moran (2012) and others. It is hoped that this reflection contributes to a reconfiguration of the traditional paradigm of literature teaching by teachers.*

Key-words: Digital Age. Literary literacy. Smartphones.

## Introdução

A cultura digital é sem dúvida, uma das maiores contribuições deste século para a humanidade, ou seja, um divisor de águas. A humanidade nunca mais será a mesma, a partir da inserção das tecnologias da informação e da comunicação no seu seio. Mudaram as formas de se relacionar, transformou-se a comunicação, novas demandas foram surgindo, e o mundo, como previu o crítico canadense Marshal McLuhan (2005), transformou-se numa imensa aldeia global.

As mudanças têm se refletido nos mais diversos contextos sociais. Devido às diferentes denominações recebidas pela sociedade contemporânea, algumas vezes fica difícil saber qual deve ser sua denominação real. São tantos os termos: sociedade da informação e do conhecimento, sociedade em rede, era do conhecimento, cibercultura, entre outras. Assumimos aqui o neologismo *cibercultura*, que, segundo a definição do filósofo francês Pierre Lévy (1999), especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Já não se concebe a vida cotidiana sem a presença dos aparatos tecnológicos. O portão de casa, a TV, a geladeira, o fogão, o telefone, a agenda, o carro, o atendimento bancário, as compras, os pagamentos, tudo é tecnologia. A tecnologia domina o mundo, nos envolve e, ao mesmo tempo, nos torna reféns. Viver sem o celular parece impossível, é como se faltasse uma parte do corpo. Não sabemos até onde vai nossa dependência dos meios eletrônicos, isso sem levar em conta que nem todos nós nascemos inseridos nesse mundo virtual. Fomos arrastados por ele. E, uma vez que tivemos acesso, tornou-se impossível realizar atividades consideradas rotineiras sem que tenhamos em mãos os artefatos tecnológicos, como o celular, por exemplo. As gerações que já nasceram inseridas nessa era digital não sabem o que é viver sem as tecnologias, já que se configuram como extensão de seus corpos e mentes.

A tecnologia muda tudo, inclusive as relações de trabalho e, sobremaneira, as formas de aprender e de conhecer o mundo. Nesse contexto, situa-se nossa proposta de trabalho, que é a de discutir como as tecnologias digitais, mais propriamente o celular, o qual pode ser introduzido na sala de aula, de modo a contribuir para a formação do letramento literário de forma eficaz. O texto literário, mesmo em face da evolução histórica e social, permanece mais vivo do que nunca, especialmente pela capacidade de haver sido inserido nos espaços virtuais sob uma nova configuração, o que lhe concede uma nova roupagem e, conseqüentemente, maior aproximação do leitor digital.

Nesta discussão, a metodologia adotada, inicialmente, trata de uma revisão de literatura acerca das concepções de: 1. Era digital ou cibercultura, em que traçaremos um panorama histórico e suas implicações no contexto educacional; 2. O leitor nativo digital: será apresentado o conceito de nativo digital e suas características enquanto leitor literário; 3. Leitura literária e cultura midiática, serão abordados os conceitos de letramento literário e suas relações com a cultura midiática, de modo a contribuir para a construção de um cidadão crítico, além de expormos a situação da literatura no contexto educacional atual e, para finalizar, 4. O celular na aula de literatura: conflitos e possibilidades. Nessa última sessão, trataremos de abordar a realidade escolar frente ao uso das tecnologias, cujo percurso se dá desde a resistência da escola, formação do professor e defendermos que o celular, quando utilizado de forma adequada na sala de aula, poderá ser um instrumento valioso, tanto de apoio ao professor quanto para a de construção do conhecimento. Nem herói, nem vilão, apenas uma ferramenta que pode contribuir significativamente para a motivação do estudante, promoção de ambos os letramentos, literário e digital, e, em especial, como fator gerador de inclusão digital.

Nesse sentido, posteriormente, tecemos nossas considerações sobre possíveis caminhos para uma proposta de atividades didáticas para a concretização do letramento literário, a qual pode ser direcionada tanto para o ensino fundamental como para o ensino médio, ficando a cargo do docente fazer suas adequações, de acordo com a realidade contextual no qual sua escola está inserida. Nesse sentido, apresentamos uma série de *sites* os quais podem ser acessados via *smartphones*, tendo como princípio as orientações de alguns estudiosos, analisados pelos proponentes da mesma, bem como pelos conhecimentos adquiridos na docência. Vale salientar que, para a execução de tais atividades, são necessários disponibilidade, planejamento e motivação dos estudantes para a realização das mesmas.

## A era digital ou cibercultura

A capacidade de raciocínio difere o ser humano dos demais animais e, ao mesmo tempo, lhe confere o poder de dominar o mundo ao seu entorno, confere a sobrevivência, a preservação da espécie, através da busca incessante de registrar e deixar suas marcas ao longo do tempo. Para Kenski (2012):

O uso do raciocínio tem garantido ao homem, em todos os tempos, um crescente processo de inovações. Os conhecimentos daí derivados, quando colocados em prática, dão origem a diferentes equipamentos, instrumentos, recursos, produtos, processos, ferramentas, enfim, a tecnologias. (KENSKI, 2012, p. 15)

O cerne de todo desenvolvimento tecnológico parece estar relacionado aos aspectos comunicacionais. De acordo com Rapaport (2008), a necessidade de repassar conjecturas, hipóteses, estratégias e conclusões sobre fenômenos naturais, como eclipses, chuvas de meteoros entre outros, aos membros do grupo ou aos grupos aliados, foi a mola propulsora para que nossos ancestrais desenvolvessem formas de perpetuar as experiências adquiridas, através de duas formas de comunicação: os relatos orais e as inscrições nas paredes das cavernas, as quais deram origem à comunicação escrita.

O acúmulo de informações e a necessidade de registro resultaram na criação de suportes móveis e recursos que facilitassem a gravação nesses suportes. Surgiram, assim, os meios de registro como placas de pedra, madeira e argila, e os conceitos abstratos, cujo desenvolvimento culminou em representações simbólicas com sentidos convencionais, os ideogramas (Braga, 2013), nascendo, assim, a escrita.

A história da escrita como forma de comunicação é longa, demorou milhares de anos para que o homem aprimorasse suas formas de comunicação, a qual incorporou desde sinais sonoros, sinais visuais, associação de gestos a objetos ou ação, fazendo surgir a ideia dos signos e dos significados, cujas regras sociais determinaram a criação da linguagem oral e, posteriormente da escrita, a qual foi adaptada pelos gregos e que significou um dos principais elementos de registro da atividade humana (DIAS E BEZERRA, 2013).

Acontecimentos como a invenção do alfabeto e a criação da imprensa por Gutenberg foram acontecimentos ímpares na história da humanidade que só podem ser equiparadas a outras grandezas históricas, como a invenção da roda, da pólvora, do antibiótico, da luz elétrica e do avião (DIAS E BEZERRA, p.13), todas de valor indiscutível, porém a relevância das duas primeiras reside no impacto provocado na comunicação: a disseminação da informação.

Para Braga (2013), a Revolução Industrial teve grande impacto nos modos de produção e nas relações econômicas e socioestruturais mais amplas, como o processo de urbanização e na natureza do mercado de trabalho. Ainda segundo a autora, foram essas mudanças nas estruturas sociais que criaram as condições para o surgimento da sociedade da informação, na qual o “capital de troca” passa a ser a informação que permite o acesso a determinadas posições, na esfera de poder controlada pelos grupos hegemônicos, o que explica o investimento das tecnologias da informação e da comunicação como rede de computadores, banda larga, telefonia móvel, *datashow*, *ipads* entre outros, chegando-se, portanto, à era digital.

A era digital, era do conhecimento ou sociedade da informação tem entre seus pressupostos a questão de letramento digital como forma de inclusão digital, do que decorrem as seguintes perguntas. O que é letramento digital? Letramento digital, para quem? Diante de tais questionamentos e do quadro atual da educação brasileira, levando em conta a formação docente, a melhor resposta seria: letramento digital para ambos, professores e alunos.

Para respondermos à primeira pergunta, devemos, entre outras coisas, nos reportar ao conceito de letramento, para tanto nos espelharemos em dois grandes nomes da área: Magda Soares e Ângela Kleiman. Um dos conceitos apresentados por Magda Soares (2002, p.144) é o de que “letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as conseqüências delas sobre a sociedade.” Nesse contexto, temos um conceito de Kleiman (1995, apud Soares, 2002, p. 145). Para a autora, “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

De acordo com as concepções de letramento, este se trata de um passo além do simples ato de alfabetização, concebida apenas como decodificação da língua, o que, se comparado ao letramento digital, como nos informa Pereira (2014), é preciso ir mais longe do que aprender digitar em um computador, é o domínio da tecnologia para buscar a informação e transformá-la em conhecimento. Concordamos plenamente com tal definição e se buscarmos relacioná-la à questão do aluno, deparamo-nos com outra informação que o autor nos oferece, e que, apesar de estimativas otimistas, a realidade é que em comunidades, sobretudo as rurais, há séria limitações de acesso à informação, seja por meios midiáticos, como jornais e até televisão, seja por meios eletrônicos e digitais, como o computador, o que se caracteriza como exclusão digital, cujos reflexos tornam-se visíveis nos aspectos profissionais e econômicos.

Com relação ao letramento digital do professor, se olharmos para a realidade brasileira, a maioria deles ainda está excluída digitalmente, uma vez que uma grande parte das escolas não possui equipamentos tecnológicos ao seu alcance, pela questão da formação e, em muitos casos, pela questão da própria disponibilidade para aprender.

O fato é que a presença dos recursos tecnológicos é uma realidade na nossa sociedade; seja em maior ou menor grau, eles se fazem presentes no cotidiano das pessoas e a escola como elemento integrante da sociedade não está excluída dessas transformações, como nos afirma Martins (2005, s.p.) [...] no advento da Internet e suas consequências para a elaboração de diversas identidades e para a construção de novos conhecimentos mais consolidados e que constituem a tradição moderna, ou ainda, na modernização das tradições. Nesse sentido, a cultura se moderniza e se traduz em linguagens reatualizadas e que são comuns aos diversos sujeitos.

Com relação ao uso pedagógico das tecnologias, Pais (2005, p. 29) argumenta que:

A inserção dos recursos tecnológicos da informática na educação escolar pode contribuir para a melhoria das condições de acesso à informação, minimiza restrições relacionadas ao tempo e ao espaço e permite agilizar a comunicação entre professores, alunos e instituições.

Concernente às contribuições que o computador, quando usado de modo adequado na educação, proporciona, Tajra (1998, p.34) destaca as duas seguintes, como sendo as principais:

Social – refere-se a criar uma cultura tecnológica de base. Favorece a inclusão digital e conseqüentemente a inclusão social, já que os estudantes estão manuseando ferramentas atuais, bastante requisitadas em diversos contextos profissionais e necessárias para acesso a volumes cada vez maiores de informação e mesmo de serviços oferecidos pelo próprio governo.  
Pedagógica – diz respeito a qualificar o ensino e a aprendizagem. Por meio de recursos multimídias, o atendimento às múltiplas inteligências é favorecido. Com sistemas de simulação, é possível levantar e testar hipóteses. Utilizando ferramentas de colaboração, o conhecimento é construído coletivamente e torna-se maior do que a simples soma dos conhecimentos isolados de cada participante.

Diante do exposto, concluímos que se faz necessário que a escola promova os múltiplos letramentos, incluindo o digital, uma vez que faz parte de suas atribuições e que o professor adquira uma nova concepção a respeito de sua formação tecnológica, a qual vai mais além do que aprender a digitar, conhecer o significado de cada tecla do computador ou usar o *mouse*. Precisa dominar a tecnologia para que, além de buscar a informação, seja capaz de extrair conhecimento (PEREIRA, 2014).

Conforme Xavier (2000), o professor consciente dessa “realidade virtual”, já entendeu que precisa ser pesquisador dos conteúdos e não mero repetidor das informações recebidas; que articula o saber e as formas de adquiri-lo; gestor de aprendizagens sem autoritarismo, ao mesmo tempo em que sugere e motiva a construção do conhecimento pela descoberta e que, sobretudo, não avalia partindo do princípio do certo ou do errado, mas da assimilação e reprodução pelo aluno das informações recebidas.

Assim, Piva Jr. (2013, p.25) adverte que o docente não deve se esquecer de que “os computadores e demais recursos (*tablets*, celulares, *softwares*, objetos de aprendizagem etc.) são ferramentas, meios para atingir o principal objetivo da educação, que é formar os jovens para a vida, para o hoje e o amanhã”.

## O leitor nativo digital

Há um pouco mais ou menos de três décadas, “a ideia de *personal computer* parecia insólita” (FERREIRO, 2013, p. 446), no entanto, nos últimos vinte anos, o acesso aos bens tecnológicos tem se intensificado de tal maneira que numa mesma casa coabitam vários artefatos tecnológicos, como *smart TV*, *tablets*, *notebooks*, *smartphones*, só para citar alguns, utilizados, ao mesmo tempo, pelos diversos membros da família com funções distintas.

Como informa a autora (2013), já temos, no nível da educação básica, *crianças informatizadas*, que são aquelas que nasceram e cresceram com as tecnologias presentes na sociedade, por isso, chamadas de “nativos digitais”, termo cunhado pelo pesquisador Americano Marc Prensk (2001), para nomear as pessoas nascidas nesse contexto digital. Em contrapartida, o autor também apresentou o texto “imigrante digital”, associados àqueles que pertencem à geração que viu chegar e serem instaladas essas tecnologias na sociedade e, que, por conseguinte, possuem características distintas (FERREIRO, 2013).

Os nativos digitais possuem características peculiares em relação aos imigrantes digitais, uma vez que, nascidos no meio virtual, possuem as competências próprias da virtualidade, ou seja, se comunicam, aprendem e têm características psicológicas diferentes, o que muitas vezes gera alguns conflitos, tanto familiares, quanto escolares, já que não conseguem se adaptar ao *modo vivendus* do restante do grupo ou comunidade na qual está inserido seja escolar ou familiar, uma vez que, como informam Carniello, Rodrigues e Moraes (2010):

[...] possuem tantas características quantas suas inúmeras habilidades. Ao adotarem o mundo digital como partes integrantes e dominantes de sua vida cotidiana conseguem realizar várias tarefas simultaneamente como assistir a vídeos, fazer download de músicas, teclar com os amigos em salas de bate-papo, enviar e receber arquivos diversos e ainda realizar a pesquisa que a professora pediu. Como consequência, estão acostumados a receber informações em um fluxo alucinante, tem extrema familiaridade com imagens, símbolos e códigos e sua linha de pensamento e raciocínio assemelha-se à forma rizomática de leitura dos hipertextos, nada linear e conduzida pela aleatoriedade aparente dos cliques (CARNIELLO, RODRIGUES e MORAES, 2010, p.03).

Partindo de tal declaração, parece que estamos diante de seres interplanetários com os quais não sabemos como agir, uma vez que temos que nos adequar a eles e não o contrário. Pelo fato de pertencerem a outra geração, devem ser, antes de tudo, compreendidas, só, que para tanto, devemos nos dedicar a conhecer esse mundo real no qual eles estão imersos. Assim como no convívio social, no âmbito familiar, os conflitos também ocorrem. Não se trata exatamente de um conflito de gerações no sentido real, mas de um conflito gerado pelo fator comunicação. Os pais, que são imigrantes digitais, em muitos casos, delegam aos filhos a obrigação de auxiliá-los na compreensão dos artefatos tecnológicos dos quais se apropriam. O fato dos filhos “saberem mais” sobre tecnologias do que seus pais lhes confere uma maior autonomia ou maior *empoderamento*, pois, como afirma Kenski (2013), “tecnologia é poder”.

Assim sendo, muitos pais parecem não estar preparados para lidar frente ao desenvolvimento tecnológico ao qual estão expostos e muito menos sabem como se comportar ou reagir diante da velocidade característica do mundo virtual. Os pais não sabem impor limites aos filhos, não dialogam. É como se vivessem em mundos distintos, delegam a responsabilidade da educação à escola, a qual, como afirma Moran (2013), enquanto a sociedade muda e experimenta desafios, a educação formal continua, de maneira geral, organizada de modo previsível, repetitivo, burocrático e pouco atraente. O autor ainda revela que mesmo diante das teorias avançadas, ainda predomina uma visão conservadora, de modo geral, na educação, inclusive nas instituições superiores. Concordamos que tal visão

educacional não leva a lugar algum. Se não se formam bons alunos, não teremos bons profissionais e, nesse círculo vicioso, ficaremos estancados. O conflito sai do âmbito familiar e se intensifica, também, no espaço escolar, porque os alunos pertencentes à geração Z (nascidos a partir de 1996) e que se caracterizam pela impaciência e pela familiarização com a tecnologia, não aceitam autoritarismo, têm dificuldade de planejamento, não leem manuais e têm grandes necessidades de se expressar. (PIVA JR, 2013, p.83).

No contexto escolar, segundo salienta Piva Jr. (2013), os professores que convivem com os jovens nativos digitais foram educados por uma geração de educadores que não vivenciaram essa explosão tecnológica. Por esse motivo, é muito difícil para eles reproduzir algo diferente daquilo que vivenciaram. Posteriormente, o autor reforça a necessidade dos professores de mudar, devido à necessidade de manter contato com as tecnologias e recursos que são utilizadas cotidianamente pelas crianças e jovens e que dessa experiência possa retirar algo para ser utilizado na prática pedagógica como forma de se aproximar do modelo mental desses jovens, como forma de tornar a atuação eficaz.

Nesse sentido, é papel do professor buscar na internet recursos disponíveis, por dois motivos básicos: o primeiro, como salienta Piva Jr (2013, p.60), é que:

a internet é uma ferramenta maravilhosa para a educação em geral, do ensino de línguas estrangeiras ao ensino de ética e cidadania. Ela permite o fácil acesso de professores e alunos a uma infinidade de materiais informativos originais e atualizados sobre todos os assuntos da cultura alvo.

E o segundo motivo, para atrair a atenção de seus alunos uma vez que, tomando como base as informações ao seu respeito, sobretudo com relação à leitura literária, deverá propor atividades interativas que façam sentido para este aluno, buscando em cada um o melhor que eles possam oferecer.

As atividades propostas devem, na sua maioria e antes de tudo, evitar o ensino baseado no tradicionalismo ou na transmissão de conteúdos, ter como princípio a interatividade, que é um elemento básico da cibercultura. A interação poderá ocorrer de várias maneiras, entre aluno-aluno, entre professor-aluno. Devem ser mediadas pelas tecnologias comuns a estes jovens, que eles tenham oportunidade de se expressar das mais diversas formas possíveis.

A perspectiva da interatividade, de acordo com Dias e Bezerra (2013), vai além do domínio dos recursos tecnológicos, trata-se de uma espécie de movimento de na relação entre sujeito-comunicação-sujeito que abre novos horizontes para a educação além de novas perspectivas para as reações humanas. Ainda segundo os autores,

a interatividade não produzirá em “cérebro eletrônico em cada um de nós, mas aumentará as formas de interação entre homem-máquina e homem-homem, além de romper como as fronteiras fechadas das produções comunicativas tradicionais” (idem, 2013, p.21).

No contexto midiático, a leitura, sobretudo a literária, pode ser realizada através de vários meios existentes para tanto, como, por exemplo, os sites e blogs de literatura, que normalmente são avaliados através de critérios como conteúdo, facilidade de navegação, a aparência, a interatividade e a frequência com que são atualizados. Deve-se levar em conta a obsolescência e a velocidade digital.

A obsolescência tecnológica se refere e tanto à vida útil dos equipamentos, quanto à permanência dos recursos ou tecnologias na rede, ou seja, as tecnologias nascem e desaparecem numa velocidade assustadora ao mesmo tempo em que determinados conteúdos na rede, também são descartados ou atualizados tão rapidamente que fica difícil se verificar sua autenticidade. A velocidade é outra característica marcante da era digital, para Stevam e Santos (2016, p. 173), “as relações sociais têm se estabelecido no menor tempo possível e em uma velocidade nunca antes vista pela história da humanidade”.. Portanto, cabe a cada um de nós ficar atentos ao surgimento e uso dessas tecnologias, lançando mão da criatividade para utilizá-las da melhor forma possível (Piva Jr., p.84).

## Leitura literária e cultura midiática

Partindo das definições de letramento defendidas por Magda Soares e de Ângela Kleiman, apresentados anteriormente, podemos conceber a existência de múltiplos letramentos ou letramentos plurais, os quais são determinados pela área na qual o ser humano está atuando, como, por exemplo, para se inserir no contexto midiático, o indivíduo deve ser letrado digitalmente, o que, como se percebe, vai além do simples ato de conhecer basicamente as funções de um computador, insere-se também numa concepção crítica de uso.

É nesse sentido que se situa a questão relativa ao letramento literário. Para Cosson (2014, p. 12), tal letramento possui uma configuração especial, primeiramente por que se faz via textos literários e que compreende uma dimensão diferenciada de uso da escrita, mas que, e, sobretudo, por ser uma forma de se assegurar seu efetivo domínio. Desse modo, deve ser construído na escola e que, no entanto, deve ir além dela, pois proporciona “a cada o aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo”.

Cosson (2014, p. 17) também enfatiza a função humanizadora da literatura ao apontar a escrita como “um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano, ao mesmo tempo em que prega que, através dessa, o indivíduo encontra o senso de si mesmo e da comunidade a qual pertence; nas palavras do autor, “a literatura nos diz quem somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos”. À medida que adentramos no mundo da literatura, nos oportunizamos o conhecimento sobre o outro, o qual, ao ser adquirido, passa por um processo de reelaboração, a fim de que, ao ser incorporado por cada indivíduo, se torne um elemento constituinte de sua personalidade, sem que, no entanto, venha a renunciar sua própria identidade. Seremos muitos em um só, uma vez que absorvemos as potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita expressos pelo outro e, ao fazê-lo, podemos nos expressar de forma compreensível para revelar o mundo que existe dentro de nós.

A escolarização da literatura tem sofrido profundas alterações através dos tempos. Nos primórdios, na Era clássica, por exemplo, na Grécia antiga, suas tragédias tinham como principal finalidade a função de educar moral e socialmente o povo, bem como os latinos, que se utilizavam dos textos clássicos para ensinar, além da cultura, os princípios básicos da língua como a leitura e a escrita. Para Ataíde (2002. p.3-4):

O ensino da literatura conduz ao entendimento da especificidade da obra literária: gênero (lírico e épico, tragédia e comédia, romance e conto), estrutura, cosmovisão. Não sendo a análise apenas exame estilístico, o estudante se envolve em artifícios que compõem a obra, os traços tradicionais e os inovados; exame do estilo individual e de época: tema, assuntos preferidos pelos poemas, tipos de versos; enredo, personagens, ponto de vista, situação-ambiente.

Na atualidade, a literatura, ao ser introduzida no contexto escolar, sobretudo no ensino fundamental e médio, passou por uma reconfiguração. Na primeira modalidade, são usados fragmentos de textos literários como forma de se contextualizar um determinado tema, para se estudar a linguagem num aspecto mais estrutura, de acordo com interesses das editoras, dos autores, da escola, até do professor, mas nunca com a intenção de formar uma comunidade de leitores. No ensino médio, o ensino da literatura está mais voltado para o conhecimento dos aspectos históricos, tais como: as características das escolas literárias, o conhecimento da biografia dos autores, entre outros aspectos, sempre se deixando de lado a essência do conhecimento literário o que, segundo Cosson (2014, p.17), a literatura não está sendo utilizada para garantir sua função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza e que nos traz conhecimentos linguísticos, históricos e culturais.

Obviamente, sabemos que há professores que vão além do que foi apresentado aqui, não se trata de uma generalização, mas de se apresentar o que é mais recorrente na prática pedagógica com relação ao ensino de literatura ou construção do letramento literário. No entanto, outro fator deve ser levado em conta com relação à leitura literária no momento atual, que é a presença das tecnologias que podem ser aliadas em tal processo.

Sabemos, contudo, que em tal cenário despontam uma série de questões com relação ao leitor nativo digital, suas características e o contexto social no qual está inserido, o que compromete, cada vez mais, o papel da escola e do professor na formação do leitor literário, sem que haja interferências negativas, pois, segundo Zilberman (2009, p. 05), o acesso à

realidade virtual depende do domínio da leitura e, assim, essa não sofre ameaça, nem concorrência. Ao contrário, sai fortalecida, por dispor de mais um espaço para sua difusão. Ainda citando a autora, “quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura será chamada a contribuir para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento de seu público”.

Para Duarte (2011):

A era das tecnologias digitais tem afetado diretamente a literatura contemporânea. A internet tem possibilitado uma interatividade entre leitor e autor. O leitor virtual é disperso e não quer apenas ler, mas também interagir com a obra e se transportar pelos hipertextos tendo a possibilidade de navegar por infinitos textos simultaneamente. Por essa razão os textos virtuais exigem mais agilidade do que os textos impressos, propiciando o surgimento de novos gêneros literários, como as micronarrativas e as poesias visuais.

Concernente ao ensino da leitura literária mediada pelas tecnologias, recai sobre a escola e sobre o educador uma responsabilidade ainda maior. Corroboramos com a opinião de Gomes (2014), ao enfatizar que, no atual contexto, em que as tecnologias digitais são cada vez mais abrangentes, o ensino da leitura de textos literários de modo crítico requer da escola e dos educadores que eles compreendam como a tecnologia pode ser explorada para facilitar o acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, o despertar de um papel social, criação de um leitor literário crítico, uma vez que o professor deve ter um conhecimento abrangente sobre a realidade dos ambientes virtuais e das possibilidades pedagógicas oferecidas por esses recursos como forma de assegurar o amplo desenvolvimento de tais competências.

Para Cosson (2013, p.30), a leitura do texto literário além de ajudar na melhoria da leitura, seja pela aquisição do hábito de ler, seja pela pelo prazer proporcionado, seu valor maior reside no fato de que fornece ao leitor os instrumentos para conhecer e alcançar com proficiência o mundo da linguagem, o que, seguramente, não será assegurado por outro tipo de leitura.

## O celular na aula de literatura

Segundo a pesquisa do TIC2014 do Comitê Gestor da Internet do Brasil, 77% dos jovens, entre 10 e 15 anos, e 88% entre 16 e 24 anos, têm acesso ao celular e à internet, configurando, assim, que o celular com internet já faz parte do cotidiano da maioria dos jovens brasileiros em idade escolar. Tais recursos estão inseridos no contexto escolar como a principal ferramenta tecnológica digital acessível aos estudantes, nas palavras de Nicholas Burbules (2012). Os celulares e os dispositivos manuais estão se tornando mais importantes e acessíveis para estes jovens do que os computadores e os *laptops*.

O autor afirma ainda que atualmente os telefones celulares não se limitam à sua função básica de fazer chamadas telefônicas; ao contrário, possuem aplicativos de mensagens de texto e são ferramentas colaborativas, incorporam câmeras e vídeos portáteis; podem ser usadas para gravar conversações e reportagens entre outras funções. Corroborando com o autor, Seabra (2013, apud SILVA E SANTOS, 2016, p. 160) acrescenta, com relação às funções do celular, que:

[...] muitos aparelhos possuem agenda de contato, com os números de telefone e e-mails, os endereços das pessoas e outras informações, como foto, data de aniversário, etc., o celular é ainda uma agenda de compromissos, permitindo configurar avisos os eventos marcados (reuniões, provas, aniversários) com antecedência de minutos, horas ou dias. Bloco de anotações, planilhas eletrônicas, processador de textos, banco de dados, mapas de sua cidade ou de qualquer recanto do país ou do planeta, com localização por satélite (GPS) são mais algumas de suas funções.

Tema recorrente em reuniões ou encontros pedagógicos, na sala de professores ou em outros espaços, o celular e seu uso no espaço escolar tem roubado a cena de muitos outros assuntos pedagógicos sem que nenhuma solução plausível tenha sido tomada. Algumas



escolas proíbem o uso do celular em sala de aula, outras não. Alguns professores encontram soluções e outros continuam a reclamar da situação, enquanto medidas, muitas vezes drásticas, são tomadas, aumentando os conflitos na sala de aula. Alguns estados criaram leis que proíbem o uso de celular em sala de aula. Daí questiona-se: O que fazer?

Esse é o cerne de nossa discussão. Obviamente, não intentamos apresentar uma fórmula mirabolante para resolver o problema da educação, mas podemos trazer à luz do conhecimento algumas reflexões que podem levar a um redirecionamento da atuação docente, levando em conta que nossa direção será destinada ao letramento literário.

A princípio, deve-se levar em conta que a escola tem sido muito resistente às transformações, compartilhando a opinião de Emilia Ferreiro (2013), ao afirmar que escola é uma instituição que sempre teve restrições à presença das tecnologias no seu âmbito. Segundo a autora, tal resistência teve início na introdução da caneta esferográfica passando pela máquina de escrever, pela calculadora até chegar às modernas tecnologias digitais. Desse modo, o que se percebe é que a instituição escolar tem se mantido sempre a um passo atrás das evoluções ocorridas na sociedade. Muito se discute e pouco ou nada se faz no intuito de se acelerar esse processo, incluindo para tanto a própria formação inicial do professor, haja vista que esse é o grande agente transformador do sistema educacional.

Piva Jr (2013, p. 125) ao apontar a importância da integração das tecnologias no processo educacional, adverte que a escola deve utilizá-las como meio, e não como um fim do processo de ensino; que devem ser vistas como ferramentas que ajudarão na construção do futuro do aluno e que, a efetividade de seu uso é garantida pela forma como é utilizada. Para isso, nada melhor do que utilizar, de maneira correta e sábia, aquilo que a cultura digital tem a oferecer. No entanto, tal declaração nos leva a refletir sobre a questão de como utilizar de maneira correta e sábia as ferramentas eletrônicas apropriadas de acordo com o contexto educacional.

Burbules (2012, p. 330), com relação à proibição dos celulares pela escola, enfatiza que:

[...] muitas escolas proíbem os celulares ou insistem para que os alunos os deixem no caminho. Assim como outras abordagens proibitivas, esta vai fracassar. Primeiro porque os jovens certamente serão mais hábeis em driblar as regras; além disso, fracassará de um modo mais grave, porque está se desperdiçando um recurso de aprendizagem potente e criativo. Antes de proibir o telefone celular, deveríamos procurar a maneira de incentivar os jovens a usarem os celulares para fazer atividades com valor educativo.

Posteriormente, o autor argumenta que se os estudantes estiverem ocupados usando os celulares para estudar, há possibilidade de distraírem-se menos, embora se saiba que algumas vezes vão servir mesmo para distração, não importa o que seja feito.

Desde o surgimento do celular em 1973, o aparelho vem constantemente se modificando, seja no seu tamanho, seja na sua funcionalidade, e isso vem atraindo cada vez mais a atenção das pessoas. Essa atração deve-se, principalmente, a sua mobilidade e às possibilidades que ele retém, tais como ouvir rádio ou mp3, assistir à TV, tirar fotos, fazer filmes, gravar voz, jogar videogame, mandar e receber e-mails ou arquivos, acessar a internet etc., diz Antônio (2010).

O vilão desse folhetim está prestes a mudar de imagem e a se transformar no mocinho ou super-herói que irá auxiliar no processo de aprendizagem. Silva e Santos, 2016, p. 156); mencionam um estudo realizado por um grupo de pesquisadores internacionais que buscam identificar tecnologias que poderão ter forte impacto na educação nos próximos anos, menciona atividades que podem ser realizadas com o celular em sala de aula, tais como gravar trechos da explicação do professor; compartilhar com a turma, por meio de redes sociais e blogs, dados de saída a campo; obter informações adicionais sobre o conteúdo aplicado por meio de *QR Code*; usar calculadora; utilizar a agenda para as tarefas e enviar mensagens de atividades para os colegas.

Com relação ao letramento literário, sabe-se que este deve ser prioritariamente construído no âmbito escola, já que ela (a escola) é o ambiente propício para tal ensinamento, como advoga Cosson, uma vez que a simples leitura da obra não pode ser o centro do letramento, pois o mesmo vai mais além dessa prática, em outras palavras, o constructo dessa habilidade deve ser antes de tudo baseado na concepção humanizadora da literatura.

Antônio (2010) sugere que, para se integrar o celular às práticas pedagógicas, o professor proponha atividades em grupos envolvendo o uso de celulares, em que pelo menos um aluno do grupo disponha do aparelho com o recurso que será utilizado; permitir que os

alunos aprendam entre si a usar o recurso antes de propô-lo como parte de uma atividade; discutir as questões éticas e morais envolvidas no uso de imagens e registros e as penalidades de seu uso indevido; estabelecer no planejamento da atividade a descrição da aula, os objetivos do uso do celular nas atividades propostas e, por último, discutir com clareza as regras de uso dos celulares na escola de maneira geral e, em particular, durante as aulas em que não estarão usando o celular como parte da aula.

Diante de tal quadro, resta-nos compreender que mais do que nunca a educação precisa de profissionais habilitados na arte de lecionar, porque em suas mãos está o futuro da educação. Moran (2013, p. 24) defende que:

As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas e abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque desse contato saímos enriquecidos.

Para o autor uma boa escola necessita de professores mediadores, motivados, criativos, experimentadores, presenciais e virtuais, portanto, os requisitos considerados essências para o docente da era virtual.

No contexto das aulas de literatura, os recursos midiáticos, em especial o celular, podem trazer muitas contribuições para a construção do letramento literário. Seja em atividades *on-line* ou *off-line*, não há o que questionar quanto às contribuições que tais recursos podem proporcionar.

No primeiro caso, as possibilidades de introdução ao mundo literário são imensas uma vez que estão disponíveis nos ambientes virtuais desde videoaulas sobre movimentos literários, suas características, estilo de época, como também um vasto acesso a obras que vão desde os clássicos como às obras contemporâneas, audiolivros, exercícios, *quizzes*, jogos entre outros objetos de aprendizagem, o que constitui um vasto campo para que o estudante tenha acesso ao conhecimento que de forma rápida ao alcance de um simples toque na tela do seu *smartphone*, *tablet* ou qualquer outro dispositivo eletrônico que possibilite acesso à internet. Existe uma quantidade de sites e *blogs* destinados tanto ao ensino/aprendizagem quanto à leitura por mera fruição.

No caso do uso *on-line*, também há muitas possibilidades de atividades a serem realizadas em sala de aula ou fora desta. Gravação de voz, poemas ilustrados e um exemplo de atividade prática envolvendo a literatura é a produção de vídeos literários ou videocelulares com o uso do *smartphones*, geralmente vídeos curtos. Carvalho (2012, p.223) recomenda a escolha de pequenos poemas, piadas, ditos populares, fragmentos de música, refrão de cantorias, emboladas, cordeis, lendas, fábulas rápidas, que devem ser adaptadas, compactadas de forma que possam transmitir a mensagem original da obra que está sendo apresentada. Para tanto, o professor deve trabalhar com seus alunos alguns conceitos básicos da linguagem audiovisual como enquadramento, enfoque, uso de som, descrição do cenário e dos personagens.

Como na maioria dos casos, os próprios estudantes dominam a tecnologia e podem contribuir para a troca de experiência entre aluno e professor e vice-versa, o que eleva a autoestima, contribui para a motivação, o trabalho colaborativo; enfim, tudo aquilo que corrobora para uma educação de qualidade e inovadora.

## Considerações finais

Considerando que estamos imersos na cultura digital ou cibercultura, novas demandas são requeridas em todas as esferas da sociedade com maior ênfase no universo educacional, uma vez que este tem como função principal a formação humana integral.

A dimensão social da escola não lhe permite ficar alheia às transformações ocorridas no contexto social no qual está inserida, necessitando, portanto, de uma ressignificação em suas práticas pedagógicas, a partir de uma ruptura entre o ensino tradicionalista e as novas concepções de ensino e aprendizagem mediados pela inserção das tecnologias no espaço escolar.

Trazer as tecnologias, sobretudo àquelas que estão mais próximas da realidade dos estudantes, como o celular, deve ser meta educacional para a dinamização do trabalho docente, em especial em se tratando de uma proposta de letramento literário, uma vez que soma, ao mesmo tempo, a leitura humanizadora proporcionada pela literatura, ao uso das tecnologias digitais, que fazem parte do cotidiano dos jovens que constituem o universo educacional.

As tecnologias são uma realidade e, por isso, não devemos retroceder. Temos que vê-las como aliadas e não como inimigas. Ter-se-ão impacto útil ou nocivo, a depender do uso que cada professor fará delas. Se buscarmos analisá-las de forma crítica no sentido de revitalizar o fazer pedagógico, será um caminho para a interação, descoberta, compreensão e transformação do mundo que nos cerca e para a formação de seres humanos mais afetivos, éticos e plenos em todas as dimensões.

Esperamos que nossas considerações sirvam como pano de fundo para uma tomada de consciência do papel que os docentes exercem no contexto escolar e que, diante do exposto, as mídias portáteis sejam incorporadas na organização escolar, a fim de tornar o processo de construção do conhecimento mais ativo, dinâmico e diversificado, contribuindo, assim para a revolução da educação.

## Referências

ANTONIO, José Carlos. Uso pedagógico do telefone móvel (Celular), **Professor Digital**, SBO, 13 jan. 2010. Disponível em: <<https://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

ATAÍDE, Vicente. **O ensino de literatura**. São Paulo: HD Livros Editora. 2002.

BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BURBULES, Nicholas C. Riscos e promessas das TICs para a educação. In: APARICI, Roberto. (coord.) **Conectados no ciberespaço**. Trad. Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2012.

CARNIELLO, Luciana B. C.; RODRIGUES, Bárbara M. C. G.; MORAES, Moema G. **A relação entre os nativos digitais, jogos eletrônicos e aprendizagem**. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Luciana-Barbosa-Carniello&Barbara-Alcantara-Gratao&Moema-Gomes-Moraes.pdf>> acesso em 15 de jun. 2016.

CARVALHO, Nadja de Moura. Mídias portáteis e educação a distancia. In: DIAS, Daniele dos S. Ferreira; BEZERRA, Ed Porto. (orgs.) **Mídias e formação docente**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.  
DIAS, Daniele dos S. Ferreira; BEZERRA, Ed Porto. (orgs.) **Mídias e formação docente**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

FERREIRO, Emília. Alfabetização digital. Do que estamos falando? In: FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: seleção de textos de pesquisa**. Tradução de Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, 2013.

KENSKY, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc.,

Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> acesso em: 18 jun. 2016.

LÉVY, P. **cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTINS, Carlos H. S. texto: **Cultura popular urbana e educação: O que a escola tem haver com Isso?** Disponível em <[www.tvebrasil.com.br/salto/](http://www.tvebrasil.com.br/salto/)> Acesso em: 16 jan. 2016.

MCLUHAM, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cotrix, 2005.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus Editora, 2013.

PAIS, L. C. **Educação escolar e as tecnologias da informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade da informação. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale; Editora autêntica, 2014.

PIVA JR., Dilermando. **A sala de aula digital: uma introdução à cultura digital para educadores**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. On the Horizont. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001a). Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

RAPAPORT, Ruth. **Comunicação e tecnologias no ensino de línguas**. Curitiba: Ibpex, 2008.

STEVAM, Ketlen O.; SANTOS, Eliete C. Tablet educacional nas escolas públicas de João Pessoa: um relato de experiência de formação de professor tutorial. In: SANTOS, Eliete C.; SOUZA, Fábio M.; SOUSA, Kelly Cristina T. de. (orgs.) **Tecnologias educacionais e inovação: diálogos e experiências**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2016.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 15 jun. 2016

TAJRA, S. F. **Informática na educação: professor na atualidade**. São Paulo: Érica, 1998.

XAVIER, A. C. **As tecnologias e a aprendizagem (re) construcionista no Século XXI**. Artigo, disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo-xavier.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2016

ZILBERMAN, R. **A leitura no mundo digital**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 56, n.34, p.22-32, jan./jun. 2009.